

## A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA NA NARRATIVA INFANTIL BRASILEIRA \*

Flávia Brocchetto Ramos \*\*

---

**RESUMO:** Analisar a construção da personagem infantil em cinco obras da literatura infantil brasileira, abrangendo o período de 1919 a 1976, através de *Saudade*, de Tales Andrade, *Reinação de Narizinho*, de Monteiro Lobato, *A ilha perdida*, Maria José Duprè, *A fada que tinha idéias*, de Fernanda Lopes de Almeida e *A bolsa amarela*, Lygia Bojunga Nunes é o objetivo maior deste texto. Para tanto, relaciona-se a personagem ao contexto histórico de produção das narrativas e demonstra-se como ela é apresentada em cada história, a fim de revelar o processo de emancipação da criança como personagem da literatura infantil brasileira.

**Palavras-chave:** narrativa infantil; personagem; história da literatura infantil brasileira.

---

A literatura infantil é um gênero bastante jovem, pois surgiu somente quando os pequenos passaram a ter um papel definido na família e na sociedade. Como o gênero define-se a partir de seu destinatário, a criança, exige, uma constante reflexão sobre a concepção que a sociedade possui da infância. É um texto escrito especificamente para o leitor mirim, em que esse interlocutor passa a

---

\* Síntese da Dissertação de Mestrado, "A representação da infância na narrativa infantil brasileira": 1919 a 1976; orientado, pela professora Dr<sup>a</sup> Vera Teixeira de Aguiar, PUCRS.

\*\* Professora da Universidade de Caxias do Sul e da Universidade de Santa Cruz do Sul.

ser um elemento constitutivo da obra, atuando, às vezes, como personagem. A construção de tal personagem evidencia a concepção de criança da sociedade em que o texto é produzido, e a representação literária do infante é um elemento determinante da condição ideológica da obra, interferindo em seu estatuto estético. Como expressão simbólica de realidades próximas e distantes da vida da criança, a literatura estabelece um elo de ligação entre o mundo e o interior infantil, representando anseios e necessidades. Dessa forma, em uma linguagem adequada à compreensão do leitor, o gênero traduz, através das personagens, do ambiente e dos acontecimentos, um universo semelhante ao que a mente infantil cria e vive.

Analisar como a personagem infantil é apresentada em cinco obras da literatura infantil brasileira, abrangendo o período de 1919 a 1976, isto é, de Tales de Andrade a Lygia Bojunga Nunes, é o objetivo maior desta investigação. Para tanto, relaciona-se a personagem ao contexto histórico de produção da narrativa, bem como realiza-se uma leitura diacrônica dos aspectos que são evidenciados nas diversas obras para efetivar a construção da personagem infantil. Assim, é importante retomar-se o conceito de infância desde o período em que essa fase do desenvolvimento era totalmente ignorada até o momento em que é reconhecida e passa a receber bens culturais específicos. Chega-se, então, à década de 70, quando a criança, recebendo uma série de atenções particulares, não é excluída das rodas dos adultos e tem direito de emitir opiniões e ser considerada nas decisões. Paralelo a esse estudo histórico, percebe-se que a literatura destinada à criança assume uma função educativa, que pode, de certa forma, condicionar o sujeito leitor a certos princípios ou proporcionar-lhe maior liberdade. A literatura infantil, como gênero que respeita a inteligência do seu leitor, torna-se mediadora entre a sociedade e a criança, possibilitando a ampliação do reduzido número de vivências do seu leitor, de forma a auxiliá-lo na integração saudável com o meio externo e interno. Isso é proporcionado, principalmente,

pela identificação do leitor com a personagem, protagonista de aventuras e sentimentos.

A análise inicia com *Saudade*, de Tales de Andrade, publicada em 1919, um dos primeiros livros destinados aos escolares brasileiros, tendo como personagem central um menino de origem rural, cuja família migra para a cidade mas não se adapta ao meio urbano. O texto visto a seguir, observando-se a cronologia, é *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Abrange uma coletânea de episódios publicados a partir de *A menina do narizinho arrebitado*, em 1921, que apresenta o núcleo básico de personagens que povoam a narrativa infantil de Lobato. O conjunto é editado pela primeira vez, com algumas alterações, em 1931. Entre os episódios apresentados na obra, o que recebe mais atenção nesse estudo é “A menina do narizinho arrebitado”, pois é o primeiro a ser mostrado ao público.

Por volta de 45, a literatura infantil se expande, após a tentativa de implantação de uma escola mais tecnicista. Os escritores descobrem a fórmula de elaborar esses textos e os produzem em série. Dentre eles, é analisado *A ilha perdida*, de Maria José Dupré, publicado em 46, um dos marcos da fase. O mesmo modelo narrativo repete-se até a década de 70, quando há modificações significativas no gênero, rompendo-se o modelo comercial vigente. Fernanda Lopes de Almeida publica, em 1971, *A fada que tinha idéias*, trazendo fadas e bruxas para a narrativa infantil, através de uma reinvenção dos contos maravilhosos. Nessa década, muitos escritores dedicam-se aos leitores crianças, editando várias obras. Dentre as revelações do período, destaca-se Lygia Bojunga Nunes, que publica, em 1976, *A bolsa amarela*, narrativa que explora a interioridade da personagem, expondo os conflitos da infância sob sua própria ótica.

A contextualização de cada obra antecede a análise, a qual abrange aspectos históricos, culturais e educacionais, seguida de resumo do enredo. As personagens são caracterizadas a partir de sua denominação, idade e sexo, aspectos físicos e psicológicos, relações

familiares e socioculturais, sendo consideradas, ainda, por sua apresentação e lugar ocupado no discurso, por seu comportamento em relação ao desencadeamento da ação, por seu envolvimento no conflito e sua relação com elementos mágico-realísticos. O resgate da imagem da infância através da criação literária se realiza pela análise vertical das cinco narrativas selecionadas, evidenciando as várias concepções de infância assumidas pela sociedade ao longo do período. Assim, cada tópico da análise permite estabelecer relações diacrônicas, as quais possibilitam perceber as alterações que sofre o conceito de infância. Observa-se a individualidade da personagem infantil e busca-se vê-la como um ser social.

Nas narrativas em questão, a criança é apresentada de diferentes formas. Primeiro aparece como um adulto em miniatura, pois reproduz, em determinada escala, o comportamento deste. O tratamento literário altera-se até chegar na última obra com a personagem infantil voltada para as inquietações específicas de sua idade. Na trajetória da produção literária do período abordado, são reveladas tendências diversas. As obras valorizam ora a voz do adulto, ora a voz da criança, sendo que o discurso infantil pode ser irrelevante, autêntico, autoritário ou voltar-se para a interioridade da personagem.

Em relação às obras, parte-se de *Saudade*, que é uma narrativa tradicional, na qual o adulto detém todo o poder, ocultando por completo a voz da criança. A sociedade, por sua vez, também vive uma fase de autoritarismo excessivo, quando surgem camadas intermediárias entre o povo servil e os latifundiários. Estes, por serem donos da propriedade, são vistos como protetores dos camponeses e, por conseguinte, detentores dos seus destinos. Na narrativa, essa proteção é exercida pelo Governo em relação à família de Mário e pelos adultos - pais, professora e empregados da família - em relação aos pequenos, uma vez que a criança, membro de uma minoria social, não tem voz.

Em *Reinações de Narizinho*, o autoritarismo cede espaço para a renovação. A literatura destinada ao leitor infantil deixa surgir a voz da criança que vai colorindo e dinamizando o enredo. Lobato aproveita as situações de vida para promover a busca de conhecimento entre as personagens, acrescentando aspectos mágicos ao enredo. Na obra, percebe-se o predomínio de idéias modernista, bem como de traços da Escola Nova. A narrativa consegue levar para o enredo, de forma adequada ao pequeno leitor, as inquietações da sociedade brasileira na década de 20. O Estado sente-se vitorioso e liberto do controle de antigas oligarquias, sendo obrigado a considerar os anseios de uma população inquieta. A Revolução de 30 marca a transição do Brasil arcaico para o moderno. Assim, a literatura lobatiana traz, em seu enredo, a multiplicidade de interesses das personagens que a constituem. Esse modelo é expandido por Maria José Dupré em *A ilha perdida*, cujo enredo constrói-se através de uma aventura vivida num espaço rural, em que elementos de magia povoam uma pequena ilha abandonada. No entanto, a obra não apresenta inovações em relação ao texto anterior. Publicada quando o país saía da ditadura, ainda conserva idéias do regime autoritário. Entende-se que a criança, assim como o povo, precisa de um líder que a conduza. Devido a esse enfoque, a narrativa reforça idéias ditatoriais, promovendo uma visão elitista, possivelmente em consequência da subordinação da cultura da época ao patrocínio oficial.

Do período pós-Estado Novo até a década de 70, o País vive uma abertura política e depois uma nova ditadura, dificultando inovações na narrativa infantil brasileira. É somente com Fernanda Lopes de Almeida, em *A fada que tinha idéias* (1971), que ocorre uma rebelião total quanto ao modelo de literatura destinado à criança. A sociedade, na época da publicação da obra, ainda vive os resquícios da linha dura imposta pelos militares na década de 60. As minorias reprimidas pelo regime começam a rebelar-se. Estudantes, mulheres e homossexuais lutam por um espaço na sociedade onde vivem. A

criança também pertence a um grupo frágil e parece estar esquecida em virtude do autoritarismo vigente. Nesse texto, no entanto, o narrador inverte a questão, pois a criança mostra-se como uma personagem decidida e até mesmo autoritária, conduzindo a narrativa e determinando os destinos do reino.

Só após a conquista definitiva da voz infantil na narrativa, a literatura pode voltar-se para o interior da criança. É o que ocorre em *A bolsa amarela*, em que os pequenos dominam o espaço da estrutura social onde vivem, permitindo que o texto explore a personalidade da protagonista num enfoque existencial. Nesse momento, a literatura infantil, a exemplo da literatura em geral, produz obras mais densas, questionando a interioridade da personagem. A voz da criança convive harmonicamente com outras vozes que compõem o enredo, buscando soluções para os conflitos existenciais.

É importante lembrar que a representação da infância é condicionada aos interesses do narrador em relação ao espaço da personagem na história, sem deixar de considerar o tipo de texto que está sendo construído. Essa representação concretiza-se através dos aspectos físicos e psicológicos, familiares e sociais, lúdicos e críticos relacionados à personagem. Assim, em *Saudade*, por tratar-se de uma reconstrução a partir das lembranças da infância do menino, é a memória seletiva de Mário que elabora o enredo. Trata-se, pois, de uma narrativa em primeira pessoa, em que a criança é testemunha da ação. Da mesma forma, *A bolsa amarela* apresenta a menina Raquel, narradora autodiegética tal como Mário, mas com uma diferença fundamental: Raquel ainda é uma criança e, portanto, narra conflitos infantis, ao contrário de Mário que relata os fatos com uma visão adultocêntrica. Raquel, como narradora do texto, inaugura uma nova tendência na narrativa infantil brasileira, que passa a explorar a interioridade da criança.

Já as peripécias de Pedrinho e Narizinho, em *Reinações de Narizinho*, Eduardo e Henrique, em *A ilha perdida*, e Clara Luz, em *A*

*fada que tinha idéias*, são apresentadas por sujeitos externos aos universos diegéticos das personagens. No caso de *A ilha perdida*, a visão do narrador é explicitamente adultocêntrica, sendo que as personagens infantis, Henrique e Eduardo, são manipulados, a fim de comprovar a dependência da criança em relação ao adulto. Em *Reinações de Narizinho*, o narrador respeita as decisões das personagens infantis, às quais é dado o direito de problematizar e buscar soluções às várias situações que se apresentam. Seus anseios são respeitados e garantidos pela fantasia. Em *A fada que tinha idéias*, observa-se que a personagem infantil é mais autoritária que o próprio narrador. É Clara quem comanda as ações de todas as personagens, conduzindo o conflito e mostrando soluções.

Assim, Mário, Henrique e Eduardo são conduzidos por narradores adultocêntricos que punem as crianças por suas desobediências, mostrando-lhes que o fato de não seguirem as prescrições determinadas pelos mais velhos acarreta situações nada agradáveis. Mário, ainda que seja o narrador da história, salienta o respeito ao adulto, até porque se apresenta como uma voz adulta a relembrar o passado. O narrador, ao relatar as ações da personagem Mário, não parece tão preocupado com valores estéticos como com valores éticos de respeito e aceitação. A aridez estética torna-se mais evidente ao constatar-se a presença de dados realísticos, que dificultam o desenvolvimento da imaginação infantil e anulam a fantasia.

Sabe-se que elementos mágicos são componentes importantes dos textos destinados ao público infantil. Não é por acaso que os contos maravilhosos, devido à sua estrutura e à presença de elementos mágicos, acabam tornando-se material de leitura para as crianças. Ignorar o aspecto fantasioso em um texto destinado ao leitor mirim é estar fadado ao esquecimento. Isso leva *Saudade* a ser uma narrativa desconhecida na atualidade pelo público infanto-juvenil. As demais obras ainda são lidas pelos escolares, talvez pela presença da magia e

pela atualidade dos temas abordados. Narizinho e Pedrinho instauram no sítio um universo mágico, no qual impera a fantasia. Além disso, a narrativa lobatiana explora a intertextualidade, trazendo para a história inicial personagens como dona Carochinha, Peter Pan, Bela Adormecida, Cinderela e outras.

Apesar da censura velada do adulto, *A ilha perdida* continua sendo lida, pois o tema central do enredo é a aventura. A criança tem a iniciativa de ir até a ilha, mas não sobrevive, nem regressa, sem auxílio dos adultos. Mesmo assim, o clima de fantasia está presente nas ações que ocorrem na ilha, espaço mágico onde as crianças estão a sós. Em *A fada que tinha idéias*, a fantasia é alimentada pelo espaço mágico da Via Láctea e pela presença, nos capítulos iniciais da obra, de personagens fadas e bruxas. No decorrer da narrativa, esses elementos são abandonados por Clara, que conduz as ações, interferindo na administração do reino de modo realístico. Já o universo que compõem *A bolsa amarela* é totalmente mágico. Os amigos de Raquel são seres imaginários e atuam como projeções das vontades da menina. Além disso, dentro da ficção primeira, a narrativa recebe outras que a ela se encaixam, sem preocupação com a linearidade do texto, o qual é construído, a exemplo da mente infantil, abrindo-se a outras dúvidas que vão surgindo e ali podem desenvolver-se. Os conflitos, no entanto, vão sendo solucionados através da atuação da imaginação e da criação de outras histórias que resolvem os problemas iniciais. É, pois, através da fantasia que são solucionadas as inquietações dos pequenos.

Em cada uma das cinco narrativas, a representação da infância se concretiza de forma particular, de acordo com a ideologia e as normas que se pretende assegurar aos leitores. É importante salientar a diferença de enfoque com que a criança é mostrada, via literatura, de 1919 a 1976. Nas obras analisadas, o enfoque dado ao elemento masculino em *Saudade* e em *A ilha perdida* é substituído pela valorização da voz feminina nas narrativas mais recentes, seja



como Clara Luz ou Raquel, sem esquecer da importância de Narizinho e de Emília ao lado de Pedrinho na narrativa de Lobato. Além da gradativa valorização do elemento feminino nas histórias, destaca-se, também, ênfase crescente dada à voz da criança que, inicialmente ignorada, é valorizada em textos mais recentes. Apenas uma obra anterior à *A fada que tinha idéias* e *A bolsa amarela* leva em consideração o pensamento infantil: *Reinações de Narizinho*. Em *A bolsa amarela* reforça-se duplamente a posição infantil, pois, além de a criança narrar sua própria história, ela o faz salientando suas inquietações, isto é, o texto se constrói numa linguagem que dá conta dos aspectos sociais e dos introspectivos.

Os diversos índices revelados nas narrativas abordadas permitem que se considere *Saudade* e *A ilha perdida* como obras de cunho autoritário; *A fada que tinha idéias*, emancipatório, apesar da voz imperativa de Clara Luz; *Reinações de Narizinho* e *A bolsa amarela*, também, emancipatórias, porque são construídas a partir de elementos que auxiliam no processo de busca da autonomia do sujeito leitor. *Reinações de Narizinho* enfatiza aspectos sociais que interferem na realidade dos pequenos e *A bolsa amarela* salienta, em toda a narrativa, as inquietações do sujeito criança, bem como as possibilidades de solução.

A história da literatura infantil brasileira confunde-se com a história da educação, pois as obras são destinadas aos escolares. Portanto, a personagem infantil corresponde, geralmente, aos anseios da escola e da sociedade. Mário e Rosinha, em *Saudade*, e Henrique e Eduardo, em *A ilha perdida*, dependem sempre da figura do adulto, de acordo com os pressupostos da escola tradicional. Personagens com muita autonomia, Pedrinho e Narizinho (*Reinações de Narizinho*) atendem às necessidades da Escola Nova que surge na década de 30. Clara Luz (*A fada que tinha idéias*) e Raquel (*A bolsa amarela*), que lutam para concretizar seus desejos, atendem às expectativas de uma escola mais libertária, em que a leitura desempenha papel

fundamental, conforme a Lei 5692/71; sendo essencial, portanto, a identificação dos leitores com as personagens que os representam. Verifica-se que o nível de pedagogismo presente em algumas das narrativas analisadas encontra respaldo no contexto da época de produção, bem como no procedimento simplista, embora histórico, de atribuir à literatura infantil fins utilitaristas.

A análise de cinco obras representativas de fases distintas da trajetória da literatura infantil do Brasil de 1919 a 1976, apoiada em estudos da história da sociedade e da vida privada, revela que a concepção de infância tem-se alterado no decorrer do século XX, acompanhando o contexto mundial. A literatura não só é consequência de seu tempo como contribui para o desenvolvimento do homem que a sociedade almeja. Adaptando-se temas e linguagens à compreensão e ao gosto infantil, chega-se à visão de criança presente na narrativa, que, por sua vez, é um dos aspectos que definem a ideologia do texto. Cada época apresenta a criança do seu momento de acordo com padrões que lhes são próprios, reprimindo o sujeito, em virtude do autoritarismo presente no enredo, ou emancipando-os, por auxiliá-los na construção de suas identidades como seres livres e autônomos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Fernanda Lopes. **A fada que tinha idéias**. 20. ed. São Paulo: Ática, 1993.

ANDRADE, Tales de. **Saudade**. 52. ed. São Paulo: Companhia Nacional, [19--].

DUPRÉ, Maria José. **A ilha perdida**. 28. ed. São Paulo: Ática, 1992.

SIGNOS, ano 22, p. 85-95, 2001

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 47. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

NUNES, Lygia Bojunga. **A bolsa amarela**. 22. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1993.

**ABSTRACT:** The article aims at analysing the construction of the child character in the following five children's literature books from 1919 to 1976: *Saudade*, by Tales Andrade, *Reinação de Narizinho*, by Monteiro Lobato, *A ilha perdida*, by Maria José Duprè, *A fada que tinha idéias*, by Fernanda Lopes de Almeida, and *A bolsa amarela*, by Lygia Bojunga Nunes. To carry out this study the character, in the narrative, is related to his/her historical context and shows how he/she is represented in each story as well as the process of the child's independence as a character in Brazilian Children's Literature.

**Key-words:** Children's narrative; history of Brazilian Children's literature; character.

